



## ANAIS

### REGIONALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO VITIVINÍCOLA DO BRASIL: SUBSÍDIO PARA GESTÃO E PLANEJAMENTO DO TERRITÓRIO

FERNANDO BARROS DA GAMA

fgama.geo@gmail.com

UCAM - UNIVERSIDADE CÂNDIDO MENDES -RJ

**RESUMO:** Resumo O objetivo do presente artigo é identificar as antigas e novas áreas da produção vitivinícola do Brasil, com enfoque na produção de vinhos, na perspectiva ou a partir do conceito da categoria espaço, cerne da análise geográfica. Baseado num recorte espacial denominado região, optou-se por propor uma nova regionalização das áreas vitivinícolas através da classificação em três níveis: Região Central ou Consolidada, Secundárias ou em Consolidação e Áreas Terciárias ou Dispersas. A partir dessa proposta de regionalização, buscou-se dar subsídios a um planejamento de desenvolvimento e gestão econômica do território com foco na atividade vitivinícola e possibilidades de investimentos e empreendedorismo em antigas e novas regiões, identificando experiências em áreas recentes e até embrionárias denominadas de novos terroirs. Indagaram-se as razões da concentração inicial da vitivinicultura nos Estados do Rio Grande do Sul, São Paulo e Santa Catarina, sua desconcentração intra-estadual, a expansão em outros estados e o papel da diáspora gaúcha quanto aos recursos humanos e ao capital. O tipo de colonização italiana de assentamento, a criação da primeira cooperativa e sindicato de viticultores do Brasil, condições ambientais, o crescimento de uma classe média, os centros acadêmicos de excelência e de formação de profissionais especializados, a evolução tecnológica e a inserção no mercado nacional e internacional contribuíram para a proeminência da indústria vitivinícola do Rio Grande do Sul. Concluindo, verificou-se uma dinâmica na geografia da produção com consolidação de regiões tradicionais e perspectivas de novos empreendimentos de iniciativa individuais ou empresariais em áreas recentes, por vezes com suporte do Estado.

**PALAVRAS CHAVE:** vitivinicultura, regionalização, concentração/desconcentração espacial e gestão

**ABSTRACT:** The objective of this article is to identify the old and new areas of wine production in Brazil. The focus is on wine production, based on the perspective, or the category of space, which is the core of a geographic analysis. Based on a spatial cut, understood as a region concept, a new regionalization of the wine-growing areas is then proposed, classified in three levels: Central or Consolidated Region, Secondary or in Consolidation and Tertiary or Dispersed. Under these proposal regionalization was intended to give planning subsidies to the management of territorial economic development, focused on viticulture and wine production and possibilities of investment and entrepreneurship in new and old regions, identifying experiences in recent areas and even embryonic called new terroirs. What are the reasons for the concentration of primary winemaking in Rio Grande do Sul, São Paulo and Santa Catarina States. Why there is intra-state deconcentration and an expansion to other states. Which is the role of the gaúcho diaspora as far as human and financial resources. The way of Italian colonization, which promoted settlements, the creation of the first cooperative and the winegrowers' union in Brazil, environmental conditions, the growth of a middle class, the academic centers of high quality and training of specialized professionals, the technological evolution, the insertion in the national and international market contributed to the prominence of Rio Grande do Sul in the wine industry. As a conclusion, there is a dynamic in the geography of production with consolidation of traditional regions and prospects for new entrepreneurial ventures in recent areas, sometimes supported by the State.

**KEY WORDS:** viticulture/wine producers, regionalization, spatial concentration/ deconcentration and management

## ANAIS

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo identificar e explicar os processos que atuaram na formação das regiões vitivinícolas do Brasil, desde as áreas tradicionais até a expansão para novas áreas com introdução de novos atores econômicos. A partir daí, é possível oferecer subsídios para uma gestão e desenvolvimento do território utilizando as experiências exitosas, identificando regiões secundárias e novas áreas atomizadas, dispersas ou terciárias de produção, que poderão se transformar ou evoluir para futuras regiões consolidadas na produção vitivinícola.

A iniciativa privada ou do capital privado nacional como empreendedor associado à ação do Estado na pesquisa e infraestrutura podem criar uma sinergia positiva no sentido de dinamizar a crescente economia vitivinícola brasileira.

Em termos oficiais, segundo o Decreto nº 8.198, de 20 de fevereiro de 2014, Capítulo XIV, Art. 58, parágrafo que regulamenta a Lei nº 7.678, de 8 de novembro de 1988, que dispõe sobre a produção, circulação e comercialização do vinho e derivados da uva e do vinho, são consideradas zonas de produção vitivinícola no Brasil as relacionadas nos estados a seguir: a) Rio Grande do Sul - nas regiões conhecidas como Alto Uruguai, Campanha, Campos de Cima da Serra, Depressão Central, Encosta do Sudeste, Encosta Inferior do Nordeste, Missões, Planalto Médio, Serra Gaúcha e Serra do Sudeste; b) Santa Catarina - nas regiões conhecidas como Litoral Sul Catarinense, Planalto Catarinense, Vale do Rio do Peixe e Vale do Rio Tijucas; c) Paraná - na Região da Grande Curitiba e Região de Maringá; d) São Paulo - na Região de Jundiaí e na Região de São Roque; e) Minas Gerais - nas regiões conhecidas como Cerrado Mineiro, Região Sul (Sudoeste de Minas) e no Vale do Alto São Francisco; f) Espírito Santo - na Região Serrana; g) Mato Grosso - na Região de Nova Mutum; h) Goiás - na Região do Centro-Sul Goiano; i) Bahia - na Região de Petrolina e Juazeiro; e j) Pernambuco - na Região de Petrolina e Juazeiro.

Esse critério oficializado por decreto é extremamente descritivo e, por vezes, incompleto. Baseado nas fronteiras dos Estados da federação carece de uma análise geográfica dos processos espaciais que as engendraram.

A título de ilustração, temos os casos da separação das áreas produtivas entre Petrolina e Juazeiro, quando na realidade a fronteira política dos Estados desconhece que economicamente se trata de uma região contígua com as mesmas características, sendo denominada como Vale do São Francisco e o da Grande Curitiba que é um conceito de região funcional e não homogênea, daí, a mudança para Primeiro Planalto Paranaense.

Por outra linha de raciocínio, elaborou-se, para dar um recorte espacial a partir da vitivinicultura, uma proposta de regionalização com base em critérios de homogeneização das atividades do setor.

### 2. REVISÃO TEÓRICA

Como referencial teórico, partiu-se da categoria espaço, que deve ser entendido como a principal categoria de análise da Geografia, correspondendo ao resultado da ação humana na natureza que se dá através do trabalho e carregado também pelas motivações subjetivas. Espaço

## ANAIS

é um conjunto indissociável de sistema de ações e de sistema de objetos, um quadro único onde a história se dá (SANTOS, 1996).

Outro conceito para a análise geográfica que norteia a presente pesquisa é o de região, definida como um recorte espacial, que se individualiza por determinadas características comuns, que podem ser naturais, culturais e econômicas ou pelos arranjos de algumas ou de todas essas dimensões ao mesmo tempo. Região é uma classe de área fruto de uma classificação geral que divide o espaço segundo critérios ou variáveis arbitrários, que possuem justificativa no julgamento de sua relevância para uma certa explicação. Dentro desta perspectiva, surgem dois tipos de região: as homogêneas e as funcionais (GOMES *et al.*, 2000).

Optou-se, assim, por uma metodologia que leva em conta a categoria espaço para uma proposta de uma nova regionalização agrupando essas áreas de vários Estados, com suporte em seus processos espaciais. A história não se escreve fora do espaço e não há sociedade a-espacial (SANTOS, 1996). O autor faz considerações sobre o conceito de formação econômica e social, alertando para a ausência da categoria espaço, fundamental na Geografia, razão pela qual propõe o paradigma de formação econômica, social e espacial.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os métodos aqui empregados (análise teórica) e materiais utilizados (fontes bibliográficas) são inerentes às Ciências Humanas. É importante destacar que os materiais utilizados nesta pesquisa correspondem à bibliografia referida ao final deste artigo e, sendo uma pesquisa exploratória, o método utilizado é o da análise teórica a partir do referencial baseado em literatura especializada. Quanto aos dados estatísticos, foram obtidos no Anuário de Vinhos do Brasil– IBRAVIN (2016-2017).

As regiões e áreas identificadas nessa pesquisa têm de apresentar a atividade da agroindústria vitivinícola de forma completa, possuindo ao menos uma vinícola produtiva local. Não se trata de fazer um extenso inventário nominal de municípios que produzem uva e vinho e sim seu aspecto regional ao agrupá-los em regiões homogêneas.

Assim, optou-se por apresentar uma proposta de uma nova regionalização das áreas vitivinícolas através da classificação em:

- a) Região Central ou Consolidada;
- b) Regiões Secundárias ou em Consolidação e;
- c) Áreas Terciárias ou Dispersas.

Indagou-se as razões da concentração inicial em três Estados: Rio Grande do Sul, São Paulo e Santa Catarina, sua desconcentração intra-estadual e concomitante expansão em outros estados do país de clima tropical e sua relação com a diáspora gaúcha no tocante aos recursos humanos e ao capital.

Identificaram-se permanências e mudanças no mapa da agroindústria vitivinícola no Brasil. A região da Serra Gaúcha e insere no caso de permanência espacial, concentrando a produção de uvas e seus derivados. Por outro lado, verificam-se mudanças no tocante às novas técnicas e tecnologias empregadas no setor e as sinergias dos insumos que a dinamizaram – maquinarias, equipamentos, produtos químicos, pesquisas acadêmicas voltadas para o aprimoramento da produção, formação de mão-de-obra especializada etc. Quanto à

## ANAIS

desconcentração, novas áreas produtoras são agregadas à produção, incluindo as de clima tropical.

Os municípios serão citados quando se tratar de área pioneira e de novos *terroirs*, muitos dos quais experimentais que denominamos áreas atomizadas, que, em grande parte, se beneficiaram da diáspora gaúcha. A diáspora gaúcha é a contínua dispersão dos gaúchos por várias regiões do país a partir da marcha para o oeste e principalmente nas décadas de 60 e 70 (SIMON, 2009).

Os gaúchos são vetores de modernização da agricultura brasileira, vide a expansão cultura comercial de soja que transformou o Brasil num grande produtor. Onde tem sojicultura, há gaúchos, os CTGs (Centro de Tradições Gaúchas) e o hábito de produzir e consumir vinhos. A soja, por exemplo, se expandiu pelos cerrados da Região Centro Oeste além de Rondônia, Maranhão, Piauí e oeste da Bahia. Contam com a presença de gaúchos, como recursos humanos e empreendedores na vitivinicultura, por exemplo, as cidades e regiões tais como: Toledo (PR), o Planalto Catarinense (SC), Nova Mutum (MT), Pirineus (GO), Cordislândia (MG), o Vale do São Francisco (PE/BA).

### 4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já fora apontado nos aspectos metodológicos, pensando nos arranjos regionais homogêneos da vitivinicultura, foram identificadas as seguintes regiões abaixo (também dispostas no mapa da Regionalização da Produção Vitivinícola no Brasil - vide figura 1):

I - Região Central ou Consolidada: Região Serrana do Rio Grande do Sul e sua periferia imediata: a) Campanha Gaúcha b) Campos de Cima da Serra e c) Serra de Sudeste;

II- Regiões Secundárias ou em Consolidação: 1- Litoral Sul de Santa Catarina 2-Planalto Catarinense 3- Eixo Jundiá-São Roque 4- Vale do São Francisco 5-Sul de Minas e Mantiqueira Paulista;

III - Áreas Novas e Dispersas: Toledo, Norte do Paraná, Primeiro Planalto Paranaense (PR), Nova Mutum e Primavera do Leste(MT), Cocalzinho de Goiás, Paraúna, Itaberá e Sta. Helena (GO), Região Serrana do Espírito Santo (ES), Paraíba do Sul e Secretário(RJ), Ituverava, Jales e São Miguel Arcanjo(SP), Morro do Chapéu, (BA), Vale do Rio Tijucas (SC) e as cidades dentro do Estado Rio Grande do Sul.

#### I- Região Central Consolidada ou Concentrada

No Estado do Rio Grande do Sul considerou-se como Área Central ou Consolidada como a Região Serrana, que funciona como centro dispersor de técnicas, novas tecnologias e capital humano para o restante do país. A partir daí, a produção vitivinícola vai se expandir por três eixos intra-estaduais: Campos de Cima da Serra, Campanha Gaúcha, Serra do Sudeste. A área das Missões, que foi pioneira na vitivinicultura com os jesuítas, o Alto Uruguai, a Depressão Central, Encosta do Sudeste, Planalto Médio, Encosta Inferior do Nordeste e Barra do Ribeiro apresentam um desenvolvimento mais recente, constituindo áreas geograficamente atomizadas, que gravitam ao redor da Região Central.

O fator mais importante para o êxito da vitivinicultura foi a imigração italiana, destacando-se tanto sua origem interna no Vêneto, Lombardia e Trento - todas com tradição em

## ANAIS

vitivinicultura - com o tipo de colonização de assentamento nos moldes da desenvolvida com o *Homestead Act* (Lei de Doação de Terras) de 1862, dos EUA, que atraiu milhões de imigrantes europeus em busca do sonho de fazer a América. No Brasil, essa política de imigração foi empreendida pelo Império e perdurou dez anos. Enquanto Porto Alegre foi colonizada por casais açorianos que se dedicavam a pecuária e pesca e os alemães ocupavam as planícies férteis junto aos vales dos rios, aos italianos, que chegaram ao Rio Grande do Sul cinquenta anos depois, coube as terras localizadas nas serras, com relevo acidentado e mata fechada. Vários imigrantes italianos, porém, tinham ofícios tais como marceneiro, ferreiro, carpinteiro, sapateiro, tecelão, etc. Esses trabalhadores especializados e autônomos, somados aos produtores agrícolas de estrutura familiar voltada para o autoconsumo e o comércio, serão o embrião de uma classe média que vai dar suporte, enquanto mercado, à manutenção da produção e do consumo de vinho.

O isolamento geográfico da Corte, o trabalho em lotes familiares de propriedade dos imigrantes doados pela Coroa para serem pagos em doze anos não ameaçavam ou implicavam concorrência com a da metrópole portuguesa. Esse é o perfil sócioeconômico atual: a presença de uma forte e numerosa classe média de significativo poder aquisitivo na região Serrana Gaúcha. Cidades como Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Garibaldi, Flores da Cunha, Farroupilha, Carlos Barbosa entre outras revelam uma dinâmica na verticalização espacial em suas construções, crescimento industrial e uma economia diversificada.

Além do trabalho dos imigrantes italianos, há outros fatores que, historicamente, convergiram para uma sinergia favorável à proeminência da Região Serrana. As condições ambientais são, de maneira geral, favoráveis. No campo do trabalho, a criação de cooperativas de agricultores vitícolas, sendo a primeira em 1912 e a fundação do primeiro sindicato brasileiro de produtores de vinho do Rio Grande do Sul, em 1927, organizaram a classe trabalhadora.

Os investimentos em recursos humanos com a criação de centros de excelência para fomentar pesquisas e a formação acadêmica foram decisivos. Assim, em 1959, foi criada a Escola de Viticultura e Enologia de Bento Gonçalves, que, vinte anos depois, foi transformada em Escola Agrotécnica Federal de Bento Gonçalves. Em 1995, inicia o Curso Superior de Tecnologia em Viticultura e Enologia.

Em 2002, foi implantado o Centro Federal de Educação Tecnológica de Bento Gonçalves (Cefet-BG), que mais tarde passou a compor o IFRS como *Campus* Bento Gonçalves. Nesse cenário se destacam as pesquisas da Embrapa, cuja história remonta a 1942, quando a Estação de Enologia de Bento Gonçalves iniciou suas atividades e que vinte sete anos mais tarde, foi transformada em Estação Experimental.

Na década de 70, a Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual - UEPAE de Bento Gonçalves. Finalmente, em 1985, recebe a denominação de Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho. Graças às pesquisas da EMBRAPA, foi criada a primeira uva nacional: a cepa BRS Lorena, uma cultivar de uva branca desenvolvida pela EMBRAPA Uva e Vinho para a região da Serra Gaúcha. Trata-se de uma uva resistente obtida do cruzamento entre as cultivares Malvasia Bianca e Seyval. Outro passo estratégico deu-se em 1998, quando o IBRAVIN foi criado como um espaço de diálogo que concilia as opiniões de agricultores, vinícolas, cooperativas e membros do governo para o desenvolvimento da cadeia vitivinícola brasileira.



## ANAIS

Além de estimular e fiscalizar a porção produtiva do setor, é papel do IBRAVIN promover e divulgar os derivados da uva e do vinho nos mercados interno e externo.

Em 2009, teve início a publicação da Revista Brasileira de Viticultura e Enologia, primeira revista especializada na divulgação científica da produção acadêmica. Objetivando manter um padrão de qualidade de seus vinhos, foi oficializada a DO Vale dos Vinhedos e as IPs Flores da Cunha, de Farroupilha, Montes Alto e Monte Belo. A IP da Campanha está em fase de reconhecimento. Em termos de infraestrutura, sua ligação com a capital gaúcha via rodoviária vai dar acesso ao mercado de maior poder aquisitivo e ao porto. Acrescente-se a isso a atração de indústrias complementares à agroindústria vitivinícola tais como máquinas, equipamentos, materiais químicos etc.

A Região Serrana se firma como o grande polo vitivinícola nacional e irradiador de novos paradigmas. A região passa por dois processos distintos a partir da segunda metade do século XX, o primeiro ciclo de internacionalização, entre 1951 e 1989 e o segundo ciclo de internacionalização da qualidade entre 1990 e 2001. O primeiro ciclo é caracterizado por um aperfeiçoamento nos métodos e dos dispositivos de produção, armazenamento e do transporte do vinho com a finalidade de expandir mercado (AGUIAR, 2015).

Em 1951, a vinícola francesa Georges Aubert se estabelece em Garibaldi, introduzindo o método italiano Charmat na produção de espumantes. Diferentemente do método Champenoise ou tradicional francês, no método Charmat, as duas fermentações são realizadas em cuba inox com controle de temperatura. Isso diminui os custos da produção, pois não emprega tanta mão de obra como no complexo método francês. Outras multinacionais se destacam tais como a canadense Seagran, a italiana Cinzano e as norte-americanas Almadén e Heublein. Essas empresas são portadoras de nova mentalidade empresarial focada no binômio tecnologia e marketing, sendo vetores de uma mudança no paradigma produtivo, estimulando a modernização dos produtores nacionais, que precisavam conviver e superar a concorrência. Na sua maioria, essas multinacionais não resistiram às incertezas da economia brasileira durante a crise da década de 80.

O segundo ciclo de internacionalização, foi considerado na presente pesquisa como fruto da globalização, representado pela abertura do mercado interno aos produtos internacionais pelo Governo Collor, e que se torna um processo contínuo. Os produtores brasileiros foram obrigados a investir na modernização de todas as etapas produtivas da agroindústria vitivinícola, desde a reconversão e qualidade dos vinhedos até que o produto final chegasse ao consumidor.

Dada à proximidade, dependência do capital e da mão de obra qualificada da Região Serrana Gaúcha, optou-se em classificar como sua periferia imediata as áreas de Campos de Cima da Serra e Serra de Sudeste e a Campanha Gaúcha, que ocupa maior destaque.

*1a) Campanha Gaúcha* - Com uma história recente, a vitivinicultura da Campanha Gaúcha tem potencial para um grande crescimento para constituir numa região alternativa e que, a longo prazo, rivalize com a Serra Gaúcha. O desenvolvimento da vitivinicultura contou com a ação estatal representada pelas pesquisas desenvolvidas na década de 70 pela Ipagro –

## ANAIS

Instituto de Pesquisas Agrícolas da Secretaria de Agricultura do Rio Grande do Sul. Acrescenta-se a isso o convênio entre a Universidade de Davis, da Califórnia e técnicos da Universidade Federal de Pelotas, onde posteriormente, foi criado o curso de graduação em Enologia. As pesquisas revelaram ser a área mais propícia para viticultura. O relevo plano facilita a irrigação e mecanização. Há investimentos de capital da Serra Gaúcha no sentido de ter assegurada a produção de uvas. Em oposição às temidas chuvas de verão da Região Serrana, seu baixo índice pluviométrico torna-se atrativo por assegurar com previsibilidade a colheita de uvas.

6

A colheita da região colaborou para minimizar a queda da safra de 2016. Recentemente, a região vêm sendo vítima de contaminação pelo herbicida chamado 2,4D, que tem prejudicado as plantações de uva no Rio Grande do Sul e conseqüentemente do vinho. Registrou-se queda de até 70% da produção. Resultados de 29 de 30 laudos da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Irrigação (Seapi) confirmam a contaminação das parreiras, que ficam com folhas retorcidas, têm crescimento descontrolado e apresentam problemas de amadurecimento.

O agrotóxico, que é transportado pelo vento depois da pulverização nos campos de soja, afeta uma área de mais de 1500 hectares espalhados pelo Rio Grande do Sul. Como o veneno é volátil, podendo atingir uma área de 50 quilômetros ou mais de distância da área inicial de aplicação, é difícil identificar qual produtor é responsável pela aplicação. Assim, a solução seria substituir o agrotóxico atualmente empregado.

Com cepas diferenciadas, a Campanha se firma como uma região singular. Verifica-se a expansão da viticultura moderna com novas vinícolas - em 2015 totalizavam dezoito - e mais recentemente o enoturismo. Analisando os dados do enoturismo, notou-se que apenas três empresas dentre dez pesquisadas trabalham com essa atividade. No entanto, a maioria delas afirma receber turistas. Isso confirma a ideia de que o turismo vitivinícola é possível na região. Os maiores entraves encontrados são a falta de uma mão-de-obra qualificada e de infraestrutura. (OLIVEIRA, 2015).

*1b) Campos de Cima da Serra* – Favorecida pelas condições ambientais e proximidade da Região Serrana do Rio Grande do Sul, que tem investimentos locais, o desenvolvimento da vitivinicultura dos Campos de Cima da Serra se deu de forma muito acelerada. Sua produção recente já nasce voltada para vinhos finos, tal qual ocorre com sua área contígua do Planalto Catarinense.

A altitude acima de 1000 m favorece as castas brancas e tintas adaptadas a climas mais frios. A atividade vitivinícola gaúcha está subindo a serra. Tradicionalmente na região de Bento Gonçalves, a 700 metros de altitude, a produção de uvas para vinho caminha, também, para a chamada região dos Campos de Cima da Serra, entre 750 e 1.100 metros de altitude. Essa área, que envolve os municípios de Vacaria, Muitos Capões, Bom Jesus e Campestre da Serra, todos no Rio Grande do Sul, tem características interessantes para a produção de vinho. Fatores do

## ANAIS

clima como altitude do relevo e certa continentalidade com maior amplitude térmica diária revelam um potencial para a elaboração de vinhos de elevada qualidade.

Acredita-se no êxito do desenvolvimento da região porque a produção já nasce com uso maior de tecnologia, com caráter empresarial, vinhedos modernos, mecanizáveis e em sistema de espaldeira. Além de estabelecidos com material genético de qualidade, os novos parreirais estão aos cuidados de mão de obra especializada que já atuam na área de produção de frutas, como a Rasip Agropastoril, produtora de maçãs.

7

*1c) Serra de Sudeste* – Indicada para a viticultura pelos estudos da Ipagro na década de 70, a Serra de Sudeste apresenta altitudes médias de 400m. Por ser um *terroir* ideal para vinhedos e apresentar terras de menor custo do que as da Serra Gaúcha, atraiu investimentos de vinícolas dessa região concentrada, principalmente na década de 90. Atualmente, possui apenas uma vinícola de pequeno porte. Na divisão interna do trabalho, coube a essa área apresentar uma atividade complementar e dependente da Região Serrana: produção de *commodity*. Em oposição às temidas chuvas de verão da Região Serrana, seu baixo índice pluviométrico torna-se atrativo por assegurar com previsibilidade a colheita de uvas.

### II - Regiões Secundárias ou em Consolidação

As regiões Secundárias apresentam diferentes níveis de consolidação, desde áreas tradicionais como o eixo São Roque-Jundiá, que não evoluiu como a Serra Gaúcha até a do Vale do São Francisco em franca ascensão. Elas queimaram etapas que a Região Central já ultrapassou ao longo de décadas. Isso permite encurtar tempo, economizar investimentos, reduzindo custos. Além disso, a exemplo da Região Serrana, as regiões secundárias buscam desenvolver o enoturismo. São elas:

*1- O Litoral Sul Catarinense (SC)* – Tem a maior tradição na vitivinicultura catarinense, onde os vinhos de mesa da uva híbrida Goethe, trazida pelos italianos no início de século XX, lhe valeu o selo de uma IPA. Sua produção, porém vem evoluindo para os vinhos finos, com destaque para os surpreendentes espumantes da uva Goethe.

Aqui temos um clássico exemplo do impacto negativo da ação do Estado. Se Getúlio Vargas deu visibilidade ao vinho da região introduzindo-o no Palácio do Catete, sua decisão de explorar as minas de carvão de diversos municípios que compõem a região, tais como Criciúma, Urussanga dentre outros provocou um grande retrocesso no seu desenvolvimento vitivinícola. As terras foram vendidas para nova atividade. Verifica-se, porém, uma retomada dos

## ANAIS

investimentos na produção vitivinícola, resgatando a tradição da uva Goethe, conduzida pelo sistema de latada.

Quanto ao enoturismo, Urussanga surge como seu portal de entrada. Fundada em 1878, representa um dos mais autênticos polos de imigração italiana em Santa Catarina. A prefeitura lançou o projeto Goethinho junto às escolas. A cidade possui várias cantinas e cinco vinícolas abertas à visitação.

8

*2- Planalto Catarinense (SC)* - Região que apresenta uma área descontínua entre o Meio Oeste, Vale do Rio Peixe e Planalto Sul Catarinense é quarto produtor nacional de vinhos finos notadamente, em áreas novas de altitude.

Além de recente, o Planalto Catarinense se caracteriza por ser resultado de investidores com vocação empreendedora despertada para o setor vitivinícola a partir de iniciativa individual. A experiência vitivinícola catarinense apresenta na quase totalidade dos empreendimentos, a figura do empresário enófilo, que aplica recursos próprios, oriundos de seus negócios principais (DARDEAU, 2015). Esses novos empresários, pioneiros do setor vitivinícola de altitude, estão também ligados a distintos setores tais como o têxtil, a fruticultura, o cerâmico, a comunicação, a indústria madeireira e a agropecuária. Alguns são externos à região onde se instalaram e que acreditaram estar diante de um negócio atraente e com perspectivas de êxito.

A possibilidade de diversificação da atividade e de reinvestimento de capital, a proximidade dos centros de excelência em pesquisas e formação de capital humano da Serra Gaúcha, do maior mercado consumidor representado pelo Rio Grande do Sul, seguidos de São Paulo e Rio de Janeiro, a presença de infraestrutura industrial e a reestruturação produtiva de antigas empresas vitícolas pré-existentes vão constituir uma sinergia para atrair investimentos no setor. Vinícolas localizadas em São Joaquim, Urupema, Campo Belo do Sul, Água Doce, Treze Tílias, Tangará e Videira oferecem serviços enoturísticos. Investimentos em infraestrutura e mão de obra qualificada são os principais entraves para o desenvolvimento dessa atividade (WÜRZ *et. al.*, 2016).

*3- Região do Eixo São Roque-Jundiá (SP)* – Comparativamente aos Estados do sul, o caso paulista é peculiar. São Paulo recebeu cerca de setenta por cento dos imigrantes italianos, que vieram substituir a mão de obra escrava. Assim, não se tratava de uma ocupação de assentamento. As fazendas de café exploravam esses imigrantes, que vinham de uma Europa da luta dos operários e que, compreendendo o português, questionavam suas precárias condições de trabalho. A formação profissional dos trabalhadores vai favorecer a migração das zonas rurais para a capital paulista e outras áreas urbanas para trabalhar na atividade fabril.

Na região do Eixo São Roque-Jundiá, a produção de vinhos de mesa é predominante, alcançando a segunda posição no Brasil. São Roque já foi fundada produzindo uvas e trigo e é

## ANAIS

denominada ‘terra do vinho’ pelos portugueses, que introduziram a vitivinicultura no século XVII, seguidos por italianos. O enoturismo vem se desenvolvendo com a estrada do vinho. Quanto a Jundiaí, a produção de vinho chegou com imigrantes italianos que se instalaram no final do século XIX. A produção artesanal, para o próprio consumo das famílias, começa a evoluir para vinhos finos.

9

*4-Região do Vale do São Francisco (PE/BA)* – Essa região tende a se transformar no segundo maior polo de vitivinicultura brasileira. São cinco municípios contíguos. Na região teve lugar a primeira experiência comercial em áreas tropicais, na década de 60.

O paralelo 8, denominação usada em um vinho local, nos indica sua tropicalidade. Caso único no mundo, sua produção já nasce com vocação para o mercado nacional e internacional, notadamente para exportação de espumantes e vinhos finos, ocupando o segundo lugar. A área cultivada deve ser calculada em dobro, pois alcança, seguramente, duas safras anuais. A atividade apresenta um perfil de um agronegócio com a presença de investimentos do capital nacional e internacional.

O agronegócio ou *agribusiness* é apenas um agregado, uma definição operacional de um conjunto de atividades inter-relacionadas. Esse conceito foi concebido para ressaltar a convergência dos interesses comuns em torno das diferentes cadeias produtivas que em geral levam o nome do produto agrícola que está na sua origem como matéria-prima - aqui representado pela uva (DAVIS e GOLDBERG, 1956). O agronegócio se refere à soma de todas as operações envolvidas no processamento e distribuição dos insumos agropecuários, as operações de produção na fazenda; e o armazenamento, processamento e distribuição dos produtos agrícolas e seus derivados.

Os investimentos em infraestrutura vêm do estado, tais como o *campus* Petrolina Zona Rural do IF Sertão-PE, criado em 2008 a partir de (Cefet Petrolina) oferecendo o curso superior (Bacharelado em Agronomia e Tecnologia em Viticultura e Enologia), asfaltamento de rodovias, ampliação do aeroporto de Petrolina etc.

Embora a fruticultura comercial já estivesse instalada, não constitui tradição o consumo de uvas e vinhos pelo mercado interno regional. Na região, vem se desenvolvendo o enoturismo com a inauguração, em 2011, do roteiro fluvial vapor do vinho com parceria da Vinícola Terranova (Miolo WineGroup).

*5-Sul de Minas e a Mantiqueira Paulista (MG/SP)* – A Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig) foi a primeira a aplicar a técnica que altera o ciclo natural das videiras, por meio da dupla poda, com o objetivo de produzir uvas *Vitis vinífera* no Sul de Minas, entre 800 e 1.000 metros de altitude. Em Três Corações, Três Pontas, Varginha, Cordislândia, Caldas, Andradas e Santo Antônio do Amparo (MG) e na vertente interior da serra, do lado paulista, Espírito Santo do Pinhal, Divinolândia e Itobi encontram-se em contínua expansão de produção de vinhos finos.

## ANAIS

Um caso especial de investimento do capital internacional é Ituverava (SP), área pioneira fora do eixo da Mantiqueira a 600m de altitude. O grupo Marchese, filial da matriz italiana com investimento em clones das mudas italianas, iniciou em 2006, a plantação do vinhedo. A vinícola própria tem capacidade de produzir 50 mil litros. Atualmente, exporta para países como os EUA, Suíça e Itália.

10

### III - Áreas Terciárias ou Dispersas

Essas áreas espacialmente atomizadas são como centros experimentais, sem peso significativo na produção nacional de vinho, constituindo verdadeiras vinícolas boutiques ou garage, com pequena produção. As áreas novas poderão se estagnar, desaparecer ou evoluir para uma região vitivinícola propriamente dita. Sua relevância, porém, repousa no fato de buscarem novos *terroirs* e pelo pioneirismo. Optou-se por elencar os casos mais significativos.

Os vinhedos de áreas tropicais praticam o sistema dupla poda, postergando a maturação para o inverno. Essas novas áreas são incorporadas por mãos de empreendedores em vários pontos do Brasil com potencial de expansão. Assim, destacamos Nova Mutum e Primavera do Leste (MT), onde a família gaúcha Goellner já produziu vinhos de mesa para o mercado e começam a ser implantadas uvas *Vitis vinífera*.

Localizada a 860 metros de altitude, em plena Serra de Pirineus (GO), Cocalzinho de Goiás vem desenvolvendo uma vitivinicultura especializada com enfoque na produção de vinhos finos, com destaque para as cepas Syrah e Barbera. As vizinhas Santa Helena, Paraúna e Itaberaí produzem vinhos de mesa. Essas quatro vinícolas fazem um arco ao redor de Goiânia.

No município de Santa Teresa, na Região Serrana do Estado do Espírito Santo, de colonização italiana, produzem tradicionalmente vinhos de mesa, e seu primeiro vinho fino no Vale dos Tabocas. Secretário, Distrito de Itaipava, (RJ), já possui sua primeira vinícola para produção de vinhos finos, assim como Paraíba do Sul.

Na Chapada da Diamantina (BA), localizada a 1100m de altitude em pleno sertão nordestino, a vitivinicultura vem se expandindo em Morro do Chapéu, cujas características climáticas se aproximam daquelas regiões de clima ameno. A grande amplitude térmica e semi-aridez são fatores ambientais que favorecem aos cultivares de Bordeaux.

Trata-se de um projeto planejado de implantação de dez variedades de videiras *Vitis vinífera* para a produção de vinhos finos, através de uma parceria firmada entre diversos órgãos e associações como a Embrapa, Governo da Bahia, Cooperativa de produtores de Morro do Chapéu e outros. As primeiras videiras foram implantadas em 2011. Um acordo de cooperação técnica foi assinado com Les Ricey, na França. Na chapada, há iniciativas também em Irece, (BA) a 720 m de altitude.

Com forte presença de gaúchos descendentes de italianos, a família Dezem de Toledo, no Paraná, desenvolve vinhos finos, numa vitivinicultura familiar com o conceito de vinho sustentável e modernas tecnologias. No norte do estado, Londrina, Maringá e Bandeirantes possuem vinícolas próprias, que buscam novos caminhos na produção de vinhos finos.

No Primeiro Planalto Paranaense, onde se localiza a Região Metropolitana de Curitiba, a vitivinicultura e o enoturismo contam com o apoio de suas vinícolas. São Miguel Arcanjo e



## ANAIS

Jales (SP) constituem novos *terroirs* com perspectivas de êxito. Áreas experimentais no Rio Grande do Norte e do Ceará agregam mais atores produtivos.

### 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A palavra região tem sua origem em *regere*, que tem e no seu sentido original o significado de reger, dominar, controlar. Todo planejamento econômico espacial não pode prescindir de uma regionalização para balizar sua ação, seja numa escala macro, tais como as tradicionais cinco macro regiões brasileiras do antigo IBGE, as mesorregiões, microrregiões, regiões metropolitanas, etc.

Conhecer as especificidades locais tais como as atividades econômicas já desenvolvidas com sucesso e novos empreendimentos atraentes a reprodução do capital privado com possível apoio estatal, o perfil do poder aquisitivo, nível de qualificação da mão de obra, presença de centros de excelência, etc, fornece os subsídios necessários ao planejamento de investimentos com menos riscos de retorno.

Com o enfoque geográfico na regionalização da produção vitivinícola brasileira, buscou-se indicar possibilidades de investimentos e empreendedorismo em antigas e novas regiões bem como identificar experiências em áreas recentes e até embrionárias denominadas de novos *terroirs*.

A uva, enquanto fruta consumida diretamente pelo mercado e como matéria prima para a produção de suco, vinho de mesa e vinhos finos, vem se firmando no cenário da agroindústria brasileira em diversos Estados da federação, notadamente no Rio Grande do Sul, onde a Região Serrana – região consolidada – funciona como centro dispersor de técnicas, novas tecnologias, capital humano e financeiro para o restante do país na atividade vitivinícola. Verificou-se que a sinergia de fatores históricos, culturais, sociais, econômicos, ambientais, geográficos e ações do Estado no campo da pesquisa e investimentos favoreceram a proeminência da atividade vitivinícola dessa região concentrada.

Ainda dentro do Rio Grande do Sul, seu braço produtivo se estendeu para a Serra de Sudeste, objetivando atender sua demanda por matéria prima (uva) para produção de vinhos, para os Campos de Cima da Serra na busca de novos *terroirs* para produção de vinhos finos e para a Campanha Gaúcha, que caminha para uma autonomia, contando com várias vinícolas. Graças à sua localização geográfica em latitudes mais altas, apresenta um *terroir* próprio, com cultivo de cepas também específicas e diferenciadas. Pesquisas científicas revelaram ser o *terroir* mais propício à vitivinicultura no Rio Grande do Sul. Devido à relativa distância geográfica do principal polo de produção do país, poderíamos projetar uma possível disputa entre a Região Serrana *versus* a da Campanha.



## ANAIS

Nos casos da Região Vale do São Francisco e do Planalto Catarinense, registram-se êxitos dos investimentos da iniciativa privada, objetivando produzir vinhos finos para o mercado nacional e internacional.

Verificou-se uma dinâmica na geografia da produção com consolidação de regiões tradicionais, sua modernização e perspectivas de novos empreendimentos de iniciativa individuais ou empresariais em áreas recentes, notadamente em Minas Gerais e São Paulo. Há, por vezes, suporte financeiro do Estado no desenvolvimento científico em institutos de Pesquisa e na formação de capital humano especializado.

A técnica da dupla poda está revolucionando a vitivinicultura tropical, incorporando novos atores produtivos. Acrescente-se a isso o desenvolvimento do enoturismo, em que o emprego de capital tende a promover o fortalecimento do desenvolvimento regional da vitivinicultura, capaz de redirecionar a economia regional.

Quanto mais atores produtivos, mais forte será a vitivinicultura do Brasil. Uma disputa interna por mercado provocará um aumento na competitividade e qualidade dos vinhos finos nacionais. Seria o caso do IBRAVIN organizar, por exemplo, uma Avaliação Nacional do Vinho Tropical no Vale do São Francisco, estimulando a produção.

Construiu-se uma vitivinicultura brasileira com diversidade e complexidade. Necessita-se, porém, da ampliação de investimento do Estado em pesquisas científicas em órgão de excelência como a Embrapa, objetivando a melhoria da viticultura acompanhada de uma maior racionalização dos custos de produção e de uma política fiscal que reduza os tributos incidentes sobre o vinho nacional.

# ANAIS



**LEGENDA**

- Região Central Consolidada
- Periferia Imediata
- Regiões Secundárias
- Áreas Terciárias Novas e Dispersas
- Região Serrana do Rio Grande do Sul
- Campanha Gaúcha
- Campos de Cima da Serra
- Serras do Sudeste
- Litoral Sul Catarinense
- Planalto Catarinense
- Vale do São Francisco
- Eixo Jundiá - São Roque
- Sul de Minas e Mantiqueira Paulista
- Unidades da Federação
- América do Sul



Sistema de Coordenadas Geográficas  
Projeção Equiretangular Cilíndrica Normal  
Sistema Geodésico de Referência SIRGAS 2000  
Base cartográfica: IBGE (2015)

Gabriel Lousada  
Mestre em Geografia - PPGG/UFRJ  
Pesquisador no Laboratório de Cartografia da UFRJ (GeoCart)



## ANAIS

**FIGURA 1.** Regionalização da Produção Vitivinícola no Brasil. Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa.

### 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, M. **A qualidade no consumo do vinho.** São Paulo: Senac, 2015. p.126-135.

BRASIL. Decreto nº 8.198, de 20 de fevereiro de 2014. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, Capítulo XIV, Art. 58, parágrafo que regulamenta a Lei nº 7.678, de 8 de novembro de 1988. Edição Extra 1.

CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, L. C. **Geografia: conceitos e temas.** 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000. p. 63-64.

DARDEAU, R. **Vinho fino brasileiro.** Rio de Janeiro: Mauad, 2015. p.80.

DAVIS, J. H.; GOLDBERG, R. A. **A concept of agribusiness.** Boston: Harvard University, 1957. p. 16.

OLIVEIRA, J. da S.; MARTINEZ, J. F.; ROCHEDO, L. Enoturismo na Região da Campanha Gaúcha. **Revista Brasileira de Viticultura e Enologia**, n. 7, p. 108-116, 2015.

SANTOS, M. **Espaço e sociedade.** 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1982. 152p.

SIMON, P. A. **diáspora do povo gaúcho.** Brasília: Senado Federal, 2009.191p.

VINHOS DO BRASIL. Bento Gonçalves, RS: IBRAVIN, Anual. 2017. p33- 35.

WÜRZ, D. A.; MARCON FILHO, J. L.; ALLEBRANDT, R.; BEM, B. P. de; OUTEMANE, M. V.; KRETZSCHMAR, A. A.; RUFATO, L. Diagnóstico do enoturismo na região dos Vinhos de Altitude de Santa Catarina. **Revista Brasileira de Viticultura e Enologia**, n. 8, v. 8, p. 132-138, 2016.